

Sociologia da Infância: traçando algumas linhas

Anete Abramowicz¹

Resumo: Este artigo apresenta o dossiê “Sociologia da Infância” que pretende tirar as crianças e suas infâncias da invisibilidade social na qual elas aparecem apenas nas e como estatísticas – mortalidade infantil, trabalho infantil, desempenho escolar etc., ou como cenário da vida social (estudos sobre a família, trabalho etc.), para colocá-las no centro da cena das relações sociais, como protagonistas, buscando evidenciar sua agência. O artigo debate as concepções de criança e infância presentes no território da Sociologia da Infância, indica as dificuldades e obstáculos epistemológicos e metodológicos dessa perspectiva e aponta a maneira pela qual a SI se constitui na Europa e no Brasil no esforço de evidenciar a agência das crianças e de suas infâncias.

Palavras-Chave: Sociologia da Infância, Crianças e Infâncias, Agência

SOCIOLOGY OF CHILDHOOD: DRAFTING SOME LINES

Abstract: *This paper presents the dossier on Sociology of Childhood (SC) which aim is to take children and their childhoods away from social invisibility, once they appear only in and as statistics (child mortality, child labor, school performance, etc.) or as a setting for social life (studies on family, work, etc.), to place them at the center of the social relations scene, as protagonists, seeking to evidence their agency. The paper discusses conceptions of children and childhood in the Sociology of Childhood terrain, indicates the epistemological and methodological*

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil – aneteabramo@gmail.com

difficulties and obstacles of this perspective, and points out the way in which the SC is constituted in Europe and Brazil in the effort to highlight the agency of children and their childhoods.

Key-words: *Sociology of Childhood, Children and Infants, Agency*

Apresentação

A revista Contemporânea publica pela primeira vez em um periódico de Sociologia no Brasil, um dossiê sobre a Sociologia da Infância (SI).

Este dossiê agrega pesquisas no interior de um território científico denominado Sociologia da Infância e/ou dos estudos sociais da infância. Os artigos publicados buscam colocar as crianças e suas infâncias no centro da cena das relações sociais, como protagonistas, buscando evidenciar sua agência. A Sociologia da Infância é um território consolidado em alguns países da Europa, em especial em Portugal, Inglaterra, Espanha e França, entre outros e na América Latina, particularmente na Colômbia, Argentina, Uruguai e Chile. No Brasil, há mais pesquisas e artigos da Sociologia da Infância no campo da Educação do que propriamente no campo da Sociologia. É nesse sentido que percebemos a premência de compor um dossiê, buscando evidenciar a urgência de entender a criança e sua infância a partir de paradigmas epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais da infância, no intuito de dar textura a essa criança na vida social. *É neste sentido que a revista Contemporânea percebe a premência de compor um dossiê, buscando evidenciar a necessidade social de entender a criança e sua infância a partir de paradigmas epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais da infância, no intuito de dar textura a esta criança na vida social.*

Desde o século XIX tem-se elaborado um conjunto de saberes sobre a infância – conceito disputado entre os diversos campos do conhecimento, e também dentro de um mesmo campo, por exemplo, da Sociologia da Infância. A infância ora é uma estrutura universal, constante e característica de todas as sociedades, ora é um conceito geracional, uma variável sociológica que se articula à diversidade da vida das crianças considerando a classe social, gênero, raça e pertencimento étnico, ou seja, ora a infância é singular, ora é plural.

Para outros, a infância é a única possibilidade de configurar história, pois designa o momento de entrada na linguagem, sem a qual nem chegaríamos na adultice, como diz Kohan (2007) a partir de Agamben (2005). A infância ocorre primeiro e é a possibilidade de se chegar ao adulto e constituir linguagem, por isso, para essa vertente, a infância, ao invés de ser um momento do “sem fala

(*infans*)” como expresso na etimologia, é a única possibilidade de constituir fala, uma vez que se a linguagem não se constitui na infância, será muito difícil de constituí-la na fase adulta² (Kohan, 2007). A infância é também um *métier* da criança – diriam alguns sociólogos –, uma estrutura social, uma cultura, uma experiência, uma cronologia, uma etapa de desenvolvimento, de comportamento, de maturação – dirão os psicólogos. Cada uma dessas definições perscruta diagramar e compreender o que é a criança e a infância, e cada uma das vertentes procura prescrever e normatizar a criança pela infância; e ao dizemos “infância”, cada definição é diferente e se encontra em disputa.

Para compreender a criança dizemos que ela é um “corpo” que emerge a partir de relações de forças. Há que se configurar as forças que estavam postas para produzir a criança de determinada maneira em certa época de determinado modo, como aponta o trabalho pioneiro de Philippe Ariès (1960). Que linhas – que podem ser compreendidas como forças – estéticas, econômicas, sociais, sanitárias, literárias, educativas etc. fazem emergir a criança com uma determinada representação, a partir da qual ela passa a ser alvo de poderes e saberes pedagógicos, literários, pediátricos, de moda, de cuidado?

A partir do século XVIII, emerge todo um território de saber dirigido à criança. Quem produziu esse corpo, essa forma chamada “criança”? “Relações de forças”, diria Michel Foucault. “Mas o originário não são os corpos, o originário são as relações de forças. São essas relações de forças que vão fundar os corpos que existem”, afirma Claudio Ulpiano em sua aula sobre Foucault³. Com base nessa vertente, nos interessa pensar que “criança” emerge a partir do século XVIII de uma maneira singular, mesmo que crianças, esses seres pequenos, sempre tenham habitado o mundo de maneira distinta, e tenham sido pensadas por filósofos e pedagogos ao longo da história ocidental.

A ideia de “emergência” é importante porque não designa uma origem, mas significa que em um determinado momento a partir do século XVIII se “dá a ver”, se visibiliza a criança a partir de diversas forças como uma forma destituída de sentido, sem essência, vazia, apesar de lotada de forças. Algo mudou

2 “Giorgio Agamben, particularmente na obra *Infância e história*, mostra-nos muito sugestivamente, que, se bem é verdade que a infância é a ausência de linguagem, não é menos verdade que a adultícia é a ausência da possibilidade de se inscrever na linguagem, porque já se está dentro dela, ou porque se impossibilitou de entrar durante a infância. Em outras palavras, se tirarmos os casos excepcionais, são sempre as crianças e não os adultos que aprendem a falar. Quem entra na linguagem pela primeira vez é a infância, a aprendizagem da linguagem está ligada à disposição infantil, ao abandonarmos a infância, deixamos a possibilidade de entrar na linguagem” (Kohan, 2007: 122).

3 ULPIANO, Claudio. Acervo Claudio Ulpiano. Vida, obra e conjugações. Disponível em: <<https://acervo-claudioulpiano.com/aulas-em-audio/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

na história para que a criança emergisse de uma certa forma. Algo mudou, e a criança emergiu. Na linha desse pensamento, uma forma não tem uma origem, mas tem uma emergência e, se as forças mudam, a forma muda. Se não há forma imutável, significa que a criança muda sempre e pode, inclusive, desaparecer.

Foucault (2001), interessa-se pelo problema daquilo que se diferencia na história, a criança é algo que emerge, pois uma diferença foi produzida. Nesse percurso epistemológico, tudo é histórico, pois tudo emerge. Não há forma que não emerja, pesquisar significa identificar as forças históricas que confluem para a constituição de determinado corpo, e nosso foco de interesse aqui é a criança.

Portanto, a criança é uma forma cuja essência é vazia (lotada de forças). Ao longo da história, atribuíram-se a ela características diversas, desde aqueles que a consideraram em perigo (frágil, dócil, ingênua, pura etc.) até os que a consideraram perigosa (violenta, indócil, incivilizada, com pouca humanidade etc.).

Foucault (2001), torna essas análises um pouco mais complexas. Ele mostra outras repercussões da invenção da infância durante os séculos XVIII e XIX. As relações entre adultos e crianças reorganizam-se em todas as instituições: familiar, escolar e instâncias de higiene pública (Kohan, 2002). O papel das crianças na família traz novas regras para as relações entre pais e filhos. Não é apenas uma questão de sorrisos e brincadeiras: a família passa a se ocupar como nunca em cuidar da saúde dos filhos. As novas leis morais concentram-se na higiene, na amamentação direta pelas mães, na vestimenta cuidada e pulcra, em exercícios físicos para um bom desenvolvimento do corpo e em toda uma série de cuidados afetivos que estreitam os laços entre pais e filhos. Surge uma nova conjugalidade que se organiza não tanto para unir dois adultos, mas para servir de matriz a esse futuro adulto de que os pais cuidam como nunca.

A criança falada

Há inúmeras dificuldades em se realizar pesquisas com crianças, seja na perspectiva histórica, sociológica, ou qualquer outra. Uma dessas dificuldades é que a criança é presente, e, também, portanto, contemporânea.

Mas o que é ser contemporânea? A criança habita em uma espécie de fratura no tempo que faz com que o tempo não se assemelhe e nem se junte. Ou seja, a criança⁴ ao nascer nos indica, em relação ao tempo, que ele não é igual ao que

4 “Mas dissei, meus irmãos, de que ainda é capaz a criança, de que nem mesmo o leão foi capaz? Em que ainda o leão rapinante tem ainda de se tornar em criança? Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.” (NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. 3ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 230)

foi, e nem é continuidade. A criança está no entre: o igual e o diferente, naquilo que continua e se diferencia, na fratura.

A criança é um presente do qual nós, adultos, *não fazemos parte e desconhecemos*, pois não somos mais crianças *é um presente em infância, um tempo que não somos/temos mais. É por isso que em nossas pesquisas queremos o ponto de vista da criança*, pois não temos mais essa possibilidade no presente. Mas ela é também o presente do qual todos nós fazemos parte, pois como adultos tivemos infância, fomos crianças e somos capazes de extrair isto, no presente (pois cada um de nós é atravessado por outros tempos). *Está claro, portanto, há dois presentes no olhar da criança, um, o presente em criança que não fazemos parte, e o outro presente que todos fazemos parte, pois em todas as sociedades há uma estrutura social denominada infância, na qual habitam diferentes gerações de crianças. Portanto, a criança é um passado, que ao nascer traz uma infância, na qual, de certa forma, nos reconhecemos, ela ao nascer é inscrita na história de um gênero, de uma sexualidade, de uma raça, de uma etnia e de uma classe social.* Inscreve e é inscrita, na medida em que nossas práticas constituem crianças de determinadas maneiras, ao mesmo tempo em que as crianças se subjetivam como uma força sobre si próprias, que as constituem e nos constituem. A sociologia da infância chama este processo de autoria social. Mas a criança é também devir, um futuro que ainda não está e não é, uma criança que nasce traz em si este futuro, a criança pode vir a ser o tempo intempestivo, o tempo de ruptura, a fratura, a descontinuidade, daquilo que não sabemos, não somos, não está, estamos em via de nos diferir, e que será inventado. Temos poucos referenciais teóricos para lidar com tudo isto que é o contemporâneo que a criança e a infância carregam na dimensão do tempo: o ocasional, o disruptivo, a descontinuidade, o que ainda não está, a inventividade.

Outra dificuldade posta ao pesquisar crianças a partir de sua própria voz se inscreve também em uma micropolítica, em uma espécie de movimento político, pois a sociedade e a escola estão orientadas para a conformação política da criança e são incapazes de escutá-la; além das dificuldades metodológicas em relação às falas das crianças, em especial as menores.

Quais são os conceitos da sociologia da infância que foram construídos e nos quais operamos? Protagonismo infantil, processos de socialização, estrutura social, infância/criança, autoria social/agência, cultura infantil, geração, etnografia, cultura de pares, estes são os fundamentais. Podemos procurar descrever a processualidade na qual a Sociologia da Infância viveu para se construir como um território legítimo de pesquisa. Ela traz em seus movimentos inversões interessantes, novos/outros agenciamentos, novos/as pesquisadores/

as, novas perspectivas sobre as crianças, um outro olhar, um movimento contra o adultocentrismo, contra o colonialismo, entre outros. A fala da criança é uma inversão nos processos de subalternização, é um movimento político. Já sabemos que são os adultos quem falam das/sobre as crianças e que isto faz parte de uma das linhas do processo que chamamos de socialização. É o adulto quem fala na nossa hierárquica ordem discursiva. É importante destacar que não há algo na fala das crianças que seja excepcional ou diferente (apesar de que pode casualmente até haver), mas, a criança ao falar faz uma inversão hierárquica discursiva que faz falar aquelas cujas falas não são levadas em conta, não são consideradas. Os sociólogos anglo-saxões dizem, então, com razão, como Jens Qvortrup, que as crianças são, entre as minorias, as menos protegidas, porque elas não são suas próprias porta-vozes.

Sociologia da Infância na Europa

O movimento da sociologia da infância na Europa criou uma nova paisagem científica a partir da década de 80 e teve um caráter renovador no campo teórico Francês, por exemplo. Se tomarmos o ano de 1998, a revista *Éducation et Sociétés*⁵ publica um dossiê que são os dois primeiros números que tratam diretamente desse assunto na França sobre a Sociologia da Infância, como uma espécie de marco deste campo na França⁶, onde o redator naquela revista afirmava: “há menos de 10 anos, Anne Van Haecht definia a infância como uma terra desconhecida do sociólogo (1998: 5)”. Poderíamos nos perguntar se 20 anos depois, 2018, a infância é agora uma terra conhecida do sociólogo?

De todo o modo o que vale a pena aproveitar é que a sociologia da infância tomou a criança em sua infância como o lugar de suas pesquisas, criou-se um campo, no qual os sociólogos(as) e outros(as) pesquisadores(as) que aderiram a esta vertente buscaram compreendê-la. Ao mesmo tempo, a Sociologia da Infância alargou as possibilidades teóricas de pensar a criança para além de paradigmas teóricos hegemônicos, como os da Psicologia, por exemplo, e da própria Sociologia de Durkheim opondo-se à maneira pela qual ele pensa os processos de socialização e a essência anômica da criança que não pode compreender as normas e as regras da sociedade.

A Sociologia da Infância faz “fugir” dois campos ao mesmo tempo: realiza a crítica à psicologia do desenvolvimento/comportamento e à sociologia

5 *Dossier: Sociologie de l'enfance* 1. *Education et Sociétés*. n. 1 e 2, p. 9-16, 1998.

6 Sabemos que Marcel Mauss escreveu um texto para um congresso de Sociologia da Infância que ocorria em 1937.

da educação. Se opôs e fez frente à predominância que se verifica até hoje da psicologia do desenvolvimento e do comportamento nas pesquisas relativas à primeira infância. Podemos afirmar que a Sociologia da Infância, uma vez que faz parte desse movimento chamado de reconceitualização da pequena infância, promove críticas muito severas à psicologia do desenvolvimento e do comportamento e, ao mesmo tempo, combate pressupostos que foram tomados durante muito tempo como valendo por si mesmos. Há inúmeros exemplos disso, especialmente nas minuciosas descrições das etapas de desenvolvimento da criança, ou na teoria do apego e, também, na aliança, por vezes entre a Educação e a Psicologia, com postulados universais, com suas etapas universais, de desenvolvimento e/ou comportamento.

São duas áreas que a SI fratura para poder se constituir. É preciso entender a longa tradição da Psicologia que inscreve corpos, normatiza-os e normaliza-os, a longa e forte tradição de Piaget e de Vigotski (que trabalha com passagem de nível, de um estado de compreensão a outro),⁷ naquilo que significa concepção de pesquisa, indivíduo, sujeito e de prescrições de etapas presente no debate da criança pequena.

A Sociologia da Infância opera uma grande mudança em relação à Sociologia da educação que realizou uma analítica sistêmica, no plano macrosociológico de funcionamento da escola, em especial, em relação às desigualdades sociais e para a qual o fracasso escolar no interior da escola se configurava como “um campo saturado”. Dos anos 1960 até 1980 a Sociologia da educação francesa, por exemplo, tratou essencialmente sobre as questões da desigualdade social; durante esses anos os paradigmas eram constituídos pelos problemas que diziam respeito à maneira pela qual a escola reproduzia, por diversos mecanismos, a desigualdade social. Essa questão dominou a Sociologia francesa na medida em que a mobilidade social francesa poderia ser feita de maneira honrável pela escola. Esse pensamento social se deu independentemente dos atores sociais, se esforçando a pensar a partir das “leis” do sistema. O que a Sociologia da Infância francesa pretendeu foi desescolarizar a criança, ou seja, pensar a criança para além do *métier do aluno*. *Como a criança encarna o métier da infância para além do aluno, na realidade, é quase um retorno à Sociologia, não mais uma sociologia da escolarização, mas a uma sociologia da socialização. É*

7 Discutimos com maior aprofundamento no artigo: ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. Infâncias em Educação Infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So1013-73072009000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mai. 2011. doi: 10.1590/So1013-73072009000300012.

importante entender que, na França, desescolarizar a criança é uma tarefa árdua, pois este é um país em que

o lugar da escola está no coração de sua identidade política e de seu imaginário nacional, trazer e pensar a criança para além da escola é verdadeiramente inovador. Porque a escola é o fundamento da República e da nação moderna, pois ela portou a maioria das esperanças de justiça e mobilidade social, pois a escola foi a escola libertadora que por vezes encarnou a cultura, o progresso, a esperança de salvação dos mais fracos, já que muitos debates escolares franceses se revestem de uma aparência 'teológica'. (Dubet, 2008: 21).

A questão dela é como se adquire um *métier*, como é esse *métier*, e como um sujeito encarna esse *métier*?

A questão para a SI é não pensar na perspectiva de um funcionamento do sistema, mas sim em como as crianças operam, resistem ou não, a esse funcionamento. Assim, para pensar a criança, estávamos divididos entre duas lógicas principais. Uma clássica que parte do social como totalidade para, de alguma maneira, ir em direção à criança. A outra, mais nova, ou renovada, se interessa pelo sujeito singular, pela pessoa, pelos seus valores, suas expectativas, seus direitos, suas aspirações, seus cálculos, seus interesses; ela se pergunta se a criança pode se construir, e em quais condições.

Sociologia da Infância no Brasil

Quinteiro (2002) localiza a entrada da criança no campo sociológico no Brasil a partir da obra de Florestan Fernandes (1979) publicada na década de 1940 por meio do texto "As trocinhas do Bom Retiro". Sabe-se atualmente que a obra de Florestan não foi a primeira sobre crianças no campo social, já que havia a obra de Virgínia Leone Bicudo (1945) realizada de maneira sincrônica a de Florestan; no entanto, sua pesquisa não ganhou a mesma visibilidade que a dele. A partir dessa visibilidade dada à obra de Florestan, observamos que a inflexão sociológica posta pelo sociólogo está no interior do debate sobre a cultura. O folclore, um dos temas pesquisados em sua obra, era considerado uma cultura menor, uma subcultura e, portanto, pouco valorizada nas pesquisas do campo. Florestan não somente deu corpo aos estudos sobre o folclore como localizou nele as produções sobre as culturas infantis. Ou seja, "o foco principal de Florestan foi o de evidenciar os processos de socialização das crianças por meio daquilo que ele denominou de 'cultura infantil' no debate com a cultura adulta" (Abramowicz, 2015: 15). As culturas infantis eram as manifestações das

crianças entre os grupos de crianças chamadas pelos meninos de “troças” ou “trocinhas”. O trabalho de Florestan inaugurou uma nova concepção de cultura, bem como possibilitou para os sociólogos um olhar sobre as crianças e sobre a pesquisa com crianças até então negligenciado, embora ele não estivesse preocupado com as crianças, mas sim com as bases e os suportes sociais da cultura e do folclore, já que estava sob a atmosfera durkheimiana em meio a uma sociologia brasileira se constituindo. Vale ainda lembrar que nesse texto Florestan trouxe sua marca e uma especificidade para os estudos sociológicos da infância no Brasil, ou seja, uma representação de criança e de infância atravessada por elementos étnicos, sociais, etários e de gênero.

Marcel Mauss (2010) escreveu o texto “*Três observações sobre a sociologia da infância*”, considerado inaugural da Sociologia da Infância francesa. O texto foi recuperado pelo professor Marcel Fournier, da Universidade de Montreal e publicado pela Revista de Antropologia Gradhiva, em 1996. Marcel Mauss apresentaria tal texto como comunicação em um Congresso da Sociologia da Infância em 1937. As questões levantadas por Mauss nesse texto são ainda objeto de análise e debate no interior do campo da Sociologia da Infância. A infância como um meio social para a criança, o problema das gerações, as técnicas do corpo e a educação da infância fazem parte do repertório teórico da Sociologia da Infância, que vem cada vez mais se constituindo como um campo profícuo e fecundo de pesquisas tanto para a Sociologia quanto para a Educação.

A partir da década de 1990, as pesquisas em Sociologia da Infância ascendem com intensidade. É possível compreender que há pelo menos três premissas fundamentais que desencadeiam os estudos sociológicos da infância: a primeira diz respeito à criança como sujeito portador de direitos e, devido a isso, tem agência; a segunda diz respeito à infância como construção social histórica e não universal e a terceira defende que as crianças são atores sociais e, desse modo, atuam na dinâmica social, transformando a história e a cultura, o que implica dizer que as crianças atuam positivamente e ativamente nos processos de socialização e são, acima disso, produtoras de cultura. Por fim, as crianças são unidade de observação, isto é, são categorias sociológicas. Reitera-se, portanto, a qualidade de um “objeto” de pesquisa e a necessidade de se pesquisar esse objeto mais intensamente.

As pesquisas nessa vertente são amplas. Em 1982, Chris Jenks apresentou em seu texto “Constituindo a criança” um esforço de constituir a criança teoricamente, frente às abordagens que abandonavam as crianças “quer à ignorância e a um estatuto secundário, quer a uma diferença radical e a um mundo bipartido” (JENKS, 2002: 214, tradução livre). Desde então, e a partir de outras tantas publicações de autores diversos (vide, por exemplo, James; Jenks; Prout, 1998;

Qvortrup, 1993; Corsaro, 2011; Alanen; Mayall, 2001), temos observado avanços constantes nos estudos da infância e das crianças, no sentido de definir teoricamente os conceitos “criança” e “infância” e avançar no sentido de olhar para as crianças numa perspectiva social.

No interior da Sociologia da Infância podemos diagramar pelo menos quatro concepções que dialogam intensamente, em particular na Europa: a “Sociologia do Discurso da Criança e da Infância”, de James, Jenks e Prout, fundamentada no pensamento pós-estrutural de Foucault, Deleuze, Guattari e Bataille; a “Sociologia da Infância Estrutural” que vem sendo defendida por Jens Qvortrup, a partir de um referencial marxista; a “Sociologia das Crianças” de William Corsaro respaldada na Sociologia de Goffman, Giddens e na Antropologia de Geertz e a “Sociologia da Infância Relacional” de Leena Alanen e de Berry Mayall, alicerçada na teoria de Pierre Bourdieu (Tebet, 2013).

No Brasil, a Sociologia da Infância não aparece, necessariamente, nesse enquadre epistemológico, e constitui-se como campo próximo da educação, em especial, a educação infantil; desse modo, muitas das pesquisas brasileiras em Sociologia da Infância se constroem a partir dos aportes da Psicologia, por vezes uma psicologia social. Os temas brasileiros presentes nos estudos sociais da infância desde a década de 1970 são:

desigualdade social e marginalidade cultural; gênero, indicadores de desempenho escolar e de desigualdade social; concepção de criança e infância; educação infantil; concepção curricular, história e políticas públicas, jogo e brincadeira e relações étnico-raciais (Abramowicz, 2015: 161).

Verificamos, desta forma, a proximidade temática com o campo da educação.

Existem também as pesquisas que buscam compreender e evidenciar as manifestações das crianças, suas linguagens e formas de produzir cultura, no interior dos aportes antropológicos. Para tanto, sustenta-se nas pesquisas etnográficas e nas metodologias de pesquisa com crianças.

A expressão “dar voz” comumente utilizada por aqueles que pretendem escutar a criança também tem sido problematizada na medida em que se coaduna com a perspectiva adultocêntrica de supor que a voz de uma criança precisa ser consentida pelo adulto. É preciso considerar que a expressão tem origem nos estudos etnográficos e estes por sua vez originaram-se na Antropologia a partir dos estudos sobre comunidades nativas e/ou “primitivas”. A definição primitiva é um termo que vem sendo fortemente problematizado.

As pesquisas antropológicas que cunharam esta expressão – “dar voz”, ainda que tenham tornado visíveis certas comunidades e modos de vida, visibilizam

também os sujeitos considerados “Outros”. Ao trazermos esta expressão para a pesquisa com crianças não podemos deixar de contextualizá-la. “Dar voz” significa conceber que as crianças só se expressam/falam mediante uma ação concedida pelo adulto e que a visibilidade da criança só ocorre mediante o encontro com o adulto. A este respeito Qvortrup (2010) complementa o debate quando considera que só resolveremos o dilema da proteção em detrimento ao da participação quando ampliarmos e intensificarmos os debates sobre as relações de poder, as desigualdades existentes entre adultos e crianças. Que ponto de vista adotar para entender, compartilhar o ponto de vista da criança tem sido o obstáculo metodológico daqueles/las que trabalham com a perspectiva da SI.

Além disto, temos compreendido a infância enquanto um forte dispositivo que atua capilarmente sobre as crianças, produzindo-as e definindo uma mesma infância, sem que a própria criança tenha condições de interrogar sobre ela. É nesta direção que os antropólogos da infância têm indicado a impossibilidade de pensar uma infância indígena longe do trabalho, ou mesmo se perguntando se infância é um conceito que faria sentido na criança indígena, já que ela se torna indígena de determinada aldeia pela via do trabalho e a infância é consagrada pela ausência de trabalho.

A criança constrói a infância

Dissemos no início deste artigo que a essência da criança é vazia e por isto disputada. Ela foi na história construída como ingênua, pura, fruto do pecado capital, próxima a animalidade, sem razão e tantas outras conceituações que emergiram como verdade em contextos específicos, para se criar a criança como universal em oposição a uma criança enquanto única, impessoal, singular e múltipla (Abramowicz et al., 2009). Não há território e corpo mais disputado do que o da criança para atribuir-lhe uma essência e subjetividade.

Talvez o que as crianças tenham de mais potente seja a infância. O que é a infância? Foucault se pergunta se infância não constituiria justamente a liberdade de não ser adulto, de não depender da lei e de poder estabelecer relações polimorfos com as coisas, com as pessoas e com os corpos? (Foucault, 1977: 235). É isto que a infância não pode mais: produzir o adulto e não ser produzida por ele.

O esforço deste dossiê é ir ao encontro de Paolo Virno (2012), filósofo italiano e semiólogo, quando afirma: “Não é concebível um pensamento crítico que não seja também, em quaisquer de suas facetas, uma meditação sobre a infância” (Virno, 2012: 34).

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete (Org.). *Estudos da Infância no Brasil – Encontros e Memórias*. 1. ed. São Carlos: EDUFSCar, 2015.
- ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3, pp. 179-197, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-73072009000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história – destruição da experiência e origem*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. (Coleção humanitas).
- ALANEN, Leena; MAYALL, Barry. *Conceptualizing child-adult relations*. London, New York: Routledge/Falmer, 2001.
- ALANEN, Leena. Teoria do bem-estar das crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 141, Tema em destaque: estudos sociais sobre a infância, pp. 689-691, set./dez. 2010.
- ARIÈS, PHILIPPE. *L'ENFANT et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Plon, Paris, 1960; coll. L'Univers historique, Seuil, 1973; coll. Points-Histoire, *ibid.*, 1975.
- BICUDO, Virginia Leone. Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. Tese (Mestrado em Ciências) – Divisão de estudos pós-graduação Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, 1945.
- CORSARO, William. *Sociologia da infância*. 2. ed. Tradução de Lia Gabriele R. Reis. Revisão técnica de Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto alegre: Artmed, 2011.
- DUBET, François. *Faits d'école*. Paris: Éditions de l'école des hautes études em sciences sociales, 2008.
- ÉDUCATION et Sociétés. *Revue Internationale de Sociologie de L'Éducation. Sociologie de l'enfance*, v. 2. Paris, Bruxelles: De Boeck & Larcier, INRP, 1998.
- FERNANDES, Florestan. As trocinhas do Bom Retiro. In: FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Collection Quarto, Gallimard, 2001
- . *História da Sexualidade*, vol. 1 – A vontade de saber. 3ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1977.
- JAMES, Alisson; JENKS, Chris; PROUT, Alan. *Theorizing childhood*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- JENKS, Chris. (Ed.) *The Sociology of Childhood. Essential readings*. Brookfield, VT: Gregg Revivals, 2002 (1982).
- KOHAN, Walter. *A infância escolarizada dos modernos*. 2002. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/fe190d/textoo4.htm#FNote6a>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

- _____. *Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MAUSS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. *Pro Posições, Campinas*, v. 21, n. 3, pp. 237-244, Dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-73072010000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate. *Perspectiva, Florianópolis*, v. 20, n. Especial, pp. 137-162, jul./dez. 2002.
- QVORTRUP, Jens. Nine theses about “childhood as a social phenomenon. In: _____. (Ed.). *Childhood as a social phenomenon: lessons from an international project*. Eurosocial Report 47. Vienna: European Centre, 1993.
- TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. Isto não é uma criança. Teorias e métodos para os estudos de bebês nas distintas abordagens da Sociologia da Infância Inglesa. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, UFSCar, 2013.
- ULPIANO, Claudio. Acervo Claudio Ulpiano. Vida, obra e conjugações. Disponível em: <<https://acervoclaudioulpiano.com/aulas-em-audio/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- _____. Acervo Claudio Ulpiano. Vida, obra e conjugações. Disponível em: <<https://acervoclaudioulpiano.com/2017/09/26/aula-de-20081989-nietzsche-a-individualizacao-e-a-identidade-ou-a-conquista-da-diferenca-2/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- VIRNO, Paolo. Infância e pensamento crítico. *Revista Imprópria*. Política e pensamento crítico, n. 2, 2012.

Recebido em 23/01/2018

Aprovado em 05/06/2018

Como citar este artigo:

ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 8, n. 2, jul.- dez. 2018, pp. 371-383.